

PARQUE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE: HISTÓRIA E MEMÓRIA¹

MUNICIPAL PARK OF THE BELO HORIZONTE: HISTORY AND MEMORY

Kellen Nogueira Vilhena²

RESUMO: Este estudo traz um olhar sobre o Parque Municipal através das memórias históricas e pessoais. O Parque se revela um espaço de grande relevância em Belo Horizonte em diferentes épocas. Ele foi projetado para ser um espaço de lazer na Capital moderna e carrega as influências político-ideológicas que marcam a concepção e construção desta cidade. Cidade que conforma tudo e todos pelo traçado e, o Parque, também é uma tentativa de conformar, dar uma nova forma ao lazer dos desejados habitantes da nova Capital, o que pode ser percebido nas práticas que nele acontecem como as garden parties, as festas beneficentes e religiosas, o *footing* e os esportes (ciclismo, futebol, natação e tênis). No entanto, com o passar dos anos, a dinâmica social vai se alterando e, os muitos e novos belorizontinos rompem os limites da Av. do Contorno e também praticam a região central, nela, o Parque. E é segundo o olhar de seus freqüentadores, nos anos cinquenta, que capto outras vivências e seus significados no/e do Parque.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Cidade. História

Apresentação

O propósito deste estudo foi conhecer a história do Parque Municipal de Belo Horizonte, não somente através dos documentos históricos oficiais, mas também por meio dos relatos orais de seus freqüentadores, com foco na década de cinquenta.

Trata-se aqui de buscar a memória deste espaço singular desta cidade, que não é a minha cidade natal, mas que passa a ser a minha cidade, pois é nela que cresci e que construí a maior parte da minha história. Ruas por onde circulo, lugares em que passei, Parque que freqüentei. Enfim, passado e presente que me impulsionam a conhecê-la mais. Mas não com um olhar superficial, e sim com um olhar mais aprofundado, mais crítico. Tentando conhecer cenário e cena, atores e atitudes, discursos e tensões que fizeram parte do espetáculo desta cidade.

¹ Este trabalho é parte integrante da monografia de conclusão da Especialização em Lazer, sob a orientação do Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

² Especialista em Lazer (CELAR/UFMG). Tutora do Programa de Educação Continuada em Lazer do CELAR/UFMG/Unisesi.

Contudo, como diz Regina Silva (1993, p. 47): "desvendar os sinais que a cidade oferece requer a formação de uma nova sensibilidade". Não basta apenas recorrer ao passado numa análise quase que meramente factual. É preciso conhecer os tempos, os espaços e os significados atribuídos a eles pelos atores que neles representaram. Aquela praça, aquela música, aquele fato, têm representações diferentes para cada pessoa ou grupo social e para uma cidade inteira também. O modo de vestir, de falar, os lugares, as festas, os encontros, os bairros, a cidade; tudo isso são documentários de uma época, de um estilo de vida, de uma cultura, de uma sociedade. Tudo isso pode nos dizer sobre ela. "Tais formas de comportamento, aparentemente pouco relevantes e praticadas, na maioria das vezes de modo espontâneo e inconsciente, formam o tecido autêntico de uma cultura", afirma Wili Bolle (1994, p. 298).

Para tanto, como metodologia de trabalho, inspirei-me nas palavras de Eliane Lopes (1996, p. 35): "A disposição para fazer história, ou para se ler o mundo como um dispositivo historiador, parte, antes de mais, de uma disposição radical para ler, ver, ouvir e contar... o outro." Assim, propus valer-me de todas estas fontes. Ler e analisar os documentos escritos, arquivos públicos, oficiais e pessoais. Notas, ofícios, livros, relatórios e reportagens de revistas da época. Ver, com sensibilidade e espírito investigativo as fontes iconográficas. Fotografias, mapas, plantas e projetos arquitetônicos. Ouvir os depoimentos daqueles que praticaram este espaço, numa tentativa de "recuperação do vivido segundo a concepção de quem viveu", como afirma Lucília Neves (1993, p. 101). E contar sobre meus achados nesta viagem à história "do outro", das pessoas, daquele lugar, daquela época.

O espaço é o Parque, o tempo é o passado e, o outro, são cinco entrevistados que freqüentaram o Parque Municipal na década de cinquenta. Alguns deles estão freqüentando-o como crianças, outros como jovens e adultos. E cada um tem as suas vivências de lazer neste espaço da cidade.

Todavia, para contar sobre o Parque Municipal, é necessário situar que cidade é essa onde ele está. Afinal, o Parque, como espaço planejado desta cidade, está intimamente condicionado à sua construção, seus pressupostos e ideologias.

Belo Horizonte:

Um Novo Espaço Geográfico Para um Novo Tempo Político-Ideológico

À época da proclamação da República no Brasil, novos atores e novos valores estavam entrando em cena. Alicerçada pelo discurso da modernidade e influenciada por valores positivistas, pela "ordem e progresso", em Minas Gerais toma corpo a idéia de materializar este novo modelo político, econômico e social através da mudança da capital, já que Ouro Preto, sua antiga capital, representava um império decadente e ultrapassado. Os ideais da República transcendem o plano ideológico e materializa-se no concreto, na construção de uma cidade símbolo, "um processo completo que engloba os planos material e simbólico", enfatiza Magalhães; Andrade (1989, p. 129).

O local escolhido foi o Curral Del Rei, uma cidade pequena, pacata e bela, que atendia a todos os requisitos de clima e salubridade, farto abastecimento de água e localização central no estado. Sua população, de aproximadamente 2.500 habitantes, se distribuía em casebres e cafuas localizados na parte central do arraial, nas mediações do largo principal, o da matriz, e em sítios nos arredores.

Este povoado tinha hábitos pacatos e provincianos. Sua atividade econômica se sustentava da modesta atividade comercial e da produção agrícola dos sítios. As práticas sócio-culturais giravam em torno da atividade religiosa e suas festas, e dos bate-papos nas vendas, porta das casas e pelas vielas.

O tempo pacato e bucólico agora deveria dar lugar aos hábitos modernos e cosmopolitas, de acordo com o novo modelo de sociedade e cidadão então proposto. Sobre tais transformações relata em sua mensagem ao Conselho Deliberativo, o prefeito Bernardo Monteiro: "as profundas reformas de caráter social e político operadas em nossa pátria nos últimos quinze anos do século passado, criando uma situação inteiramente nova, impuseram a eliminação de hábitos que ainda persistem e a implantação de novos processos que não foram ainda adaptados" (1900, p. 08, grifo meu).

Se para a nova cidade se propunha "um centro de desenvolvimento econômico e intelectual, foco da civilização e progresso, moderno, higiênico e elegante" (JULIÃO, 1992. p. 10) era de se esperar que uma população simples e de costumes caipiras não poderia fazer parte deste novo cenário que se inspirava. Assim "o pacato arraial foi varrido do mapa com todas as suas tradições [...]. Sua população, no início tão esperançosa de se beneficiar com a mudança, foi tocada para a periferia da capital." (MAGALHÃES, 1997. p. 331). Após as desapropriações, com indenizações irrisórias, apenas alguns conseguiram se manter na nova cidade.

Os novos e desejados habitantes eram essencialmente funcionários públicos, transferidos a contra gosto de Ouro Preto, efetivos da polícia e as elites emergentes do Estado. Além deles, uma massa de quase 7.000 operários, mais de 50% da população à época da inauguração, uma população que sequer fora pensada no planejamento da nova Capital.

Belo Horizonte foi planejada dividida em 3 áreas bem específicas: a urbana, a suburbana e a rural. A zona urbana milimetricamente planejada, contava com os mais modernos serviços urbanos como água encanada, esgoto, luz elétrica, serviços de bonde, além do fácil acesso das ruas e dos espaços de lazer, como expõe Leticia Julião (1992, p. 80) "obviamente, um território elegante e acessível a poucos [...]. Ali as elites construíam suas residências, faziam seus negócios, desfrutavam seu lazer." Já a área suburbana, não agraciada com tanto conforto e beleza, possuía ruas com traçado irregular, sem serviço de saneamento, moradias precárias e nenhuma estrutura para o lazer.

O sentido de ordenação e hierarquização eram tão presentes que tudo tinha o seu lugar previamente pensado e preparado de acordo com sua importância no novo modelo político, econômico e social; os poderes do Estado, as atividades comerciais, as pessoas, os espaços e as práticas culturais e de lazer daquele novo tempo.

O modo de vida cosmopolita proposto na modernidade veio confundir ainda mais este cenário de revolução sócio-econômico-cultural. Estas questões afetaram sobremaneira os hábitos das pessoas provocando mudanças bruscas no cotidiano das relações na virada do século.

A cidade tão minuciosamente planejada e construída, em cima da demolição do arraial; tinha um forte apelo artificial. Fato que se refletia até no comportamento dos moradores. A artificialidade e o culto ao novo, tão disseminados neste período, provocavam na população uma busca e imitação de hábitos de cidades desenvolvidas como Rio de Janeiro e São Paulo para não falar na Europa.

O Lugar do Parque na Cidade Moderna

O Parque é um espaço de relevo na história de Belo Horizonte desde a sua construção, ou melhor, desde o seu planejamento. Tão logo aprovada a construção da cidade é no espaço onde seria o Parque que se instala Aarão Reis, chefe da Comissão Construtora, em março de 1894. E é dali, daquele sítio, que germina a planta da futura Capital. Desde os primeiros meses de estudos e elaboração da planta geral da cidade, o Parque se revela como referência geográfica³ a partir do qual se projetaria aquela que se tornaria a "obra de maior envergadura da República." (JULIÃO, 1992, p. 10)

O Parque já estava previsto desde o planejamento da cidade: Pensado para ser um espaço de lazer moderno da capital, ele aparece já na primeira planta de Belo Horizonte, o que demonstra o cuidado de seus planejadores em projetar um espaço específico para tal fim. Afinal, se os hábitos de lazer modernos previam o passeio em parques, era imprescindível que a nova cidade se aparasse de tal espaço.

Assim como aspectos políticos e econômicos, o lazer também foi previamente pensado como uma prática que deveria ser incorporada ao novo modelo de sociedade e de cidadão que se pretendia formar. Um indício claro da organização de um novo *modus vivendi*, moderno e republicano. Mais uma vez, é o espaço geográfico determinando as práticas e os lugares sociais na nova Capital.

A localização do Parque também é um indício claro do valor deste tipo de lazer no novo estilo de vida agora proposto. Ele se encontra na área central da capital, às margens da Av. Afonso Pena, não em qualquer lugar, às margens da cidade, em local longínquo ou afastado, mas sim ao centro, grande e acessível aos novos e desejados habitantes.

O espaço reservado ao Parque era uma fazenda dos tempos do arraial do Curral Del Rey, chamado Chácara do Sapo, de propriedade da família Vaz de Melo. Esta propriedade foi desapropriada, juntamente com outras, como iniciativa primeira da chefia da Comissão.

3 Magalhães; Andrade (1989) apontam outros sinais do Parque como referencial geográfico no planejamento da cidade como; o ponto de origem das avenidas que ligam aos poderes do Estado, as praias da Liberdade, da Federação e 14 de Setembro; a numeração e distribuição das seções urbanas a partir dele e, até mesmo, a hierarquização das atividades (de um lado a Estação, o comércio; a eletricidade; do outro, mais nobre, os três poderes, o teatro, as escolas e ao fundo, as duas últimas seções da zona urbana), sem falar da sua proximidade com a fronteira da cidade e da não cidade, a Av. do Contorno.

Como um território remanescente do Arraial, o espaço possuía uma beleza natural. Aos olhos dos modernos urbanistas, crua e rústica. Um espaço que, para se tornar o parque central de uma cidade que se queria cosmopolita, em nada devendo aos grandes parques europeus, necessitaria de muitas intervenções paisagísticas.

Assim como a cidade, o Parque deveria se tornar um marco da modernidade da República, e para tanto, deveria se apropriar das mais novas tendências paisagísticas em voga na Europa. É o que nos mostra o Relatório de Prefeito (1907, p. 47): "há de ser um dos mais belos da República, logo que possível tratar de toda a sua área."

O convidado para dirigir os trabalhos foi o arquiteto paisagista francês Paul Villon, que influenciado pela tendência inglesa de paisagismo romântico, projetou um parque em estilo inglês, "uma ilha de romantismo na geométrica cidade" (CVRD, 1997, p. 20). Uma ilha natural em meio à urbs, o único resquício de natureza do arraial preservado, ainda que, com muitas intervenções urbanísticas, ditas, beneficiamentos. O Parque representava "um esforço para resgatar fragmentos de um mundo natural e bucólico suplantado pela construção da capital" (JULIÃO, 1992, p. 101).

Inicialmente o projeto original do Parque previa uma área de 555.060 metros quadrados, onde, aproveitando a natureza do terreno, se projetou "um grande lago para passeios em canoa, ruas largas para os carros, ruas extensas e planas para os bicíclo, um correto para música, um restaurante, um cassino com teatro, um observatório meteorológico, uma ponte artística e um imponente portão de entrada." (CVRD, 1997, p. 22) Um projeto de lazer deveras arrojado, digno daquele tempo.

Nos primeiros anos, o Parque já demonstrava ser um local de muita importância para a cidade. Não apenas pelas citações na imprensa ou pela frequência dos habitantes, mas também pelo poder público. Isto fica evidenciado pelas constantes obras de benfeitorias realizadas. Ajardinamentos, calçamento, limpeza, iluminação, equipamentos e espaços de lazer, a cada relatório de prefeito apresentado ao Conselho Deliberativo, mais de uma página se dedicava a esclarecer as obras e benfeitorias executadas no Parque.

O Parque e as Noyas Práticas Sócio-Culturais nos Anos Iniciais

Com a chegada dos desejados habitantes, a cidade vai tomando vida e o Parque se concretiza como espaço da convivência social, como diz Letícia Julião (1992), um roteiro da vida pública na Capital, uma vez que proporcionava condições ideais para o novo hábito do passeio em público. Um lugar da sociabilidade dos novos belorizontinos, ou melhor, da elite que habitava a área urbana da cidade. "Ali, o 'mundo chic' da capital se sentia à vontade para realizar suas festas beneficentes, concertos, *garden parties*" (RODRIGUES, 1999, p. 1409) festas chics ao ar livre.

Protegidos pelo planejamento urbano da cidade que impunha uma segregação clara entre as classes sociais, o Parque situava-se na zona urbana, local onde apenas alguns tinham acesso. E nele "a boa sociedade da época encontra no jardim romântico o pano de fundo perfeito para flunar despreocupadamente, exibindo seus trajes de passeio" (CVRD, 1997, p. 35).

Ainda presos aos costumes recatados, os habitantes se revezavam entre saraus literários, bailes em casas particulares e retretas no Parque Municipal. As tradicionais retretas eram uma das principais práticas culturais dos novos belorizontinos do início do século. Elas eram tão presentes no cenário da nova Capital, que a prefeitura promovia as apresentações das bandas de música, aos domingos, no Parque, além de apresentações em teatros e praças. A principal banda é a corporação Carlos Gomes.

As largas alamedas do Parque eram um espaço propício para o *footing*, prática comum naquela época e, durante outros tempos também. À sombra das árvores, mocinhas e rapazes circulavam para lá e para cá num "intercâmbio silencioso dos olhares" (JULIÃO, 1992, p. 100).

O Parque era um cenário concorrido para os eventos da melhor sociedade belorizontina, se concretizando, cada vez mais, como um espaço de referência da vida sócio-cultural da cidade. Sua menção constante em notas da imprensa, seja em jornais ou revistas, comprovava ainda mais sua importância. Tudo que acontecia no Parque era digno de registro. Festas, desfiles escolares, batalha de confetes, acontecimentos esportivos.

A história do esporte e o Parque se entrecruzam várias vezes. Algumas modalidades tiveram no Parque seu local de iniciação. A começar pelo ciclismo, que teve uma vida curta, porém, bastante expressiva. Contava com um clube representativo, o Velo Club, e um pavilhão construído para que seus expectadores pudessem acompanhar melhor as corridas de bicicleta, velocípede e à pé. As corridas no Velo Club atraíam grande número de pessoas, expectadores e também praticantes, e seus resultados eram divulgados em jornal, além de movimentar um banco de apostas.

Outra atividade que encontrava nas alamedas seu palco, era o *football*. Em uma delas foi realizada a primeira partida, em 3 de maio de 1904, fato que mereceu divulgação na imprensa local. O Futebol e o Parque aparecem juntos em várias situações, entre elas, a primeira agremiação de futebol, o *Sport Club Football*, que ali realizava seus treinos e onde mais tarde foi construído seu pavilhão e área de jogos. Outra, foi a idéia de um grupo de adolescentes no Parque, de fundar um clube de futebol que mais tarde alteraria toda uma dinâmica social classista, o *Atlético Mineiro Football Clube*. No terreno do Parque, área correspondente ao quarteirão do Hipermercado Extra, também foi construído o estádio do América, que lá permaneceu por muitos anos.

Mas o Parque não se destacava apenas pelas suas alamedas. No lago norte, em 1909, aconteceu a primeira competição pública de natação.

Anos mais tarde, uma revista da época⁴ notificava sobre um "surto verificado entre nós desse aristocrático sport bretão", o tennis. Sua prática acontecia no "rink" do Parque Municipal, um campo de tênis construído em 1926. Este esporte contava com a participação de rapazes e moças. Outra revista comentava assim: "o tennis também está fervendo. O córte do Parque Municipal não chega para as encomendas.

4 SEMANA ILUSTRADA, 1928.

Toda manhã vae lá um bolão de gente. Na maioria moças bonitas." (A CIDADE VERGEL, 1927. s/p.)

Por ser um gigante verde em meio à urbs, o Parque significava um espaço de natureza, de ar puro. Uma nota da revista *Semana Ilustrada* já mostrava a preocupação da população (e dos planejadores da cidade) com a qualidade do ar. Diz a nota: "em Bello Horizonte, nenhum lugar reúne melhor as qualidades higiênicas exigidas para o salutar exercício de respiração, aconselhado pela medicina, como o Parque Municipal."

Além dos atrativos da flora e seus benefícios, o Parque também abrigou um mini zoológico. Desde a criação de Belo Horizonte, seu planejadores previram a construção de um zoológico, mas o terreno, mais tarde foi doado ao Minas Tênis Clube. Sem espaço e verbas específicas para tal projeto, "com o passar dos anos, conseguiu-se reunir no Parque um número considerável de animais, [...] que faziam 'o encanto da gente domingueira'" (CVRD, 1997. p. 80).

Vivências e Significados do Parque Segundo seus Frequentadores

Ao longo dos anos a dinâmica social vai se alterando e os novos habitantes que chegam à Capital rompem os limites da avenida do Contorno e praticam também os espaços centrais desta cidade planejada para alguns, mas agora praticada por muitos.

Na década de cinqüenta, período em que se situa a maior parte dos relatos dos entrevistados, a população da cidade é deveras maior do que a registrada nos anos iniciais. Com o grande crescimento industrial e o êxodo provocado por ele, a população saltara dos seus 12 mil habitantes (à época da inauguração) para 700 mil habitantes. Novos bairros, novos limites, nova gente. E o Parque continua se configurando como espaço de lazer de referência em Belo Horizonte.

As práticas mudam. A sociedade apresenta novos hábitos, novos valores, uma transformação da cultura. O Parque vai sendo apropriado de outras formas. As vivências são muitas, e os significados para aqueles que as praticaram, também.

No período analisado, alguns estão praticando o Parque como crianças, outros como jovens e adultos. Cada um estabelece o seu roteiro de vivências, construindo assim, um mapa afetivo deste espaço, um mapa pessoal, singular.

Para os que lá frequentaram ainda na infância, eles relatam as "artes de menino". Como crianças, alguns entrevistados revelam lugares e práticas que só o olhar de criança pode captar. O riacho onde tinha peixes para alimentar e pescar (longe dos olhos dos adultos), as árvores frutíferas e é claro, a "panha" dos frutos; o teatrinho de marionetes, os brinquedos (pagos e não-pagos), o passeio nos burrinhos, as brincadeiras com os colegas, de bola, de pique, no gramado.

O Sr. Celso, um dos entrevistados que frequentou o Parque na infância, destaca:

"Um 'senhor' divertimento, muita coisa gratuita. Muito divertimento, carrinho, barquinho, cavalinho, passeio de burrinho. Andei de mulinha pela primeira vez lá. [...] E, muitas vezes devido ao calor ser demais, a gente brincava na lagoa lá dentro [...]. Quando não era lá dentro era no rio Arrudas, na Andradas. Uma vez eu peguei uma xistose brava lá. [...] Era um lugar de referência para passear, principalmente as crianças, os adultos também, mas principalmente criança. O teatro na época não era teatro com peças feitas por nós seres humanos, era coordenado por seres humanos, mas uns bonequinhos amarrados num barbante (marionetes). Quem organizava era um grupo do próprio Parque Municipal, mas muito bom mesmo! [...] E tinha o zôo lá dentro. O mini zoológico que tinha o leão, tigre uma parte com um ou dois elefantes, macaquinhos. A outra parte só com aves: papagaio, araras, periquito, tinha tudo isso lá dentro. Você precisava ver que coisa linda! Você nem imagina."

O Sr. Rafael, também freqüentou o Parque na infância. Apesar de sua freqüência estar ligada ao trabalho, ele ressignifica este espaço e revela:

"Eu comecei eu era um garotinho de cinco para seis anos e meu pai me trazia para eu puxar os cavalos com as crianças montadas. [...] Eu tive uma infância sadia; trabalhando, mas me divertindo muito também. A gente aprontava, roubava jaca escondido dos fiscais da prefeitura. A gente era molequinho, a gente subia nos pés de jaca e era uma dificuldade pra sair daqui com aquela jaca daquele tamanho, era bom demais. Era jaca, era jambo. [...] Carambola, do outro lado também tinha. A gente era menino, a gente descobria estes detalhes todos. A gente passava com o cavalo e olhava, quando dava uma folguinha a gente corria para panhar; e mesmo escondido de me pai que ele não gostava que agente aprontasse. [...] A gente puxava o cavalo de olho nos brinquedos (risos). E a gente aprontava mesmo; corria ia lá nos brinquedos, voltava e puxava o cavalo outra vez. [...] A gente pegava peixinho no córrego, pegava na lagoa; arrumava aqueles 'anzolzinho' escondido. Era aquelas artes de criança."

Para os que praticaram o Parque na juventude, ele se configura como local do encontro, do namoro à sós. O Parque é o espaço para onde convergia grande número de moças e rapazes que, no *footing* pelas suas alamedas, trocam olhares e emoções. Para os namorados, um jardim romântico, o passeio de barco, a foto no lambe-lambe.

D. Olerinda é uma freqüentadora do Parque na juventude. Ela conta:

"Aí, dia de domingo, depois que gente arrumava cozinha, meu namorado passava; não entrava, ficava do lado de fora; aí a gente ia pro Parque Municipal.

E lá a gente ia passear de barco. [...] A gente ficava lá um pouco, andando pra lá e pra cá e tal, passeando. Andava nos barcos de novo, vamo pra lá, vamo pra cá, e sempre olhando as horas. Quando dava cinco e meia a gente ia embora. [...] O programa de domingo era só ir no Parque. Eles (as pessoas) ficavam assim nas ruas, parado, conversando. [...] O Parque era um lugar tranquilo para namorar. Quando muito era de mão dada, nem dava beijo. A gente ficava despreocupada que ninguém ia se intrometer na vida da gente. [...] A gente passeava naquela ruazinha assim devagar, vai pro outro lado, volta, mas só que não podia nem olhar para os lados. Quando passava certas pessoas a gente tinha que fazer assim (abaixar a cabeça), não ficar olhando. Se esta pessoa cumprimentasse, a gente respondia, mas sério."

Sr. Djalma também freqüentou o Parque na juventude e revela seus interesses:

"Você sabe o que é *footing*? É o encontro das moças com os rapazes nas praças. Agente chamava do *footing* porque era lá é que era o local que a gente ia arranjar namorada, inclusive eu ia caçar namorada. As paqueras eram ali naquelas pistas ali no meio. Sempre ao contrário, né? Senão eles iam ver as costas das moças, então eles virava pra ver o rosto da moça. [...] O Parque era um ponto de encontro, enchia muito. Para a rapaziada, é onde tinha muita mocinha, e para as moças, é onde tinha muito rapaz. O horário do namorico era de duas à quatro, cinco horas. [...] Tinha mulher, vamos dizer, prostituta, mulher que gosta de fazer programa, mulher de vida fácil, né? Então a gente ia lá também arrumar estas meninas, e arrumava, né?"

As famílias também passeiam no Parque. Elas se distribuíam pelos gramados com jogos de bola, bate-papo e piqueniques, prática muito relatada pelos entrevistados. Há também o passeio nos barcos e as apresentações da banda no coreto. Elas o freqüentavam principalmente pela manhã, ficando muitas vezes, o dia inteiro.

O Sr. Camargos, um outro trabalhador do Parque comenta saudosos:

"Eu peguei uma época bastante singela. Eles divertiam muito, eles jogavam bola em cima da grama. Sentavam lá e iam fazer o piquenique. Os namorados..."

O Sr. Djalma também ressalta essa prática:

"Eu vi várias vezes o cidadão lá com esposa e filhos, a família toda fazendo piquenique. Então tinha gente que chegava, às vezes, oito, nove horas e saía de lá escurecendo."

Mas o passeio no Parque tem roteiros e horários diferentes para cada grupo. Há uma demarcação natural dos horários; de manhã, as crianças, as famílias; à tarde, os namorados, casais de todas as procedências; da "tradicional família mineira" aos que procuravam prostitutas e travestis.

O Sr. Rafael explica:

"No domingo, a frequência na parte da manhã é mais de crianças; na parte da tarde já tem o pessoal que vem mais para uma paquera, uma coisa assim. Até muda ao ambiente completamente."

O Sr. Camargos conta assim:

"Lá eram duas sessões: na parte da manhã eram as famílias que ia tudo e, na parte da tarde eram os casais; as empregadas vinham encontrar os namorados.[...] De manhã tirava retrato dos cavalinhos, de tarde, tirava dos namorados, né?"

Contudo, o Parque não se destaca apenas pelo aspecto do lazer dos praticantes. Há também os que trabalham para o lazer de outrem. Este é o caso de dois dos entrevistados, um que trabalhou conduzindo os burrinhos, o Sr. Rafael, atividade que começou a exercer desde criança e permanece até os dias de hoje. Ele relembra:

"Eu fui privilegiado em ser criado nessa forma aqui, trabalhando e divertindo [...] A vida que o Parque me proporcionou foi muito boa, pelo menos para mim e eu acho que foi muito boa, eu acho que poucas crianças tem o privilégio de divertir o tanto que eu diverti aqui dentro desse Parque."

Outro que é lambe-lambe, nome característico dos fotógrafos do Parque, o Sr. Camargos. Ele conta:

"O Parque era bom demais! Era muito cheio de gente, cheio de flores, era um parque muito frequentado, hoje acabou tudo, hoje os marginais tomaram conta, os pívetes, os 'bebuns' [...] Eu peguei uma época singela."

Apesar de estas pessoas estarem lá primordialmente para o trabalho, elas ressignificam este tempo, e percebemos que este espaço se transforma também no espaço para a amizade, o encontro, o namoro, a brincadeira. Para um trabalhador diário do Parque, as mudanças não foram poucas, as mudanças do Parque e da cidade também. O seu interior, seus equipamentos e espaços, a cidade em volta, o movimento, os carros, as pessoas e seus costumes, tudo isso eles viram passar e se transformar.

Sr. Camargos comenta:

"O Parque não era gradeado, o entra e sai era igual à Praça Rui Barbosa, passava gente por todo lado, mas tinha muito pouca gente nessa época. [...] E podia entrar carro lá dentro, estacionar, não precisava ficar lá fora o dia todo. Eu guardei carro lá muito tempo. [...] Antigamente não tinha muito movimento né? Então o Parque era muito vazio, depois foi enchendo, não tinha lugar de guardar tanto carro".

O Sr. Rafael complementa:

"o Parque quando era aberto era tranqüilo, [...] era cercado por plantas, dava assim um ar de mais liberdade,[...] hoje as grades são um proteção para quem frequenta.[...] Antigamente eu via madame com criança aqui que hoje eu não vejo mais. Todo tipo (de pessoa) frequentava; na época sim. "

Pode-se perceber assim que no Parque havia atrativos para vários tipos de interesses. O Parque, deste modo, não se caracteriza como um espaço geográfico apenas, ele é palco de experiências afetivamente relevantes para os sujeitos que nele viveram parte de suas vidas. Para eles, o Parque têm significados marcantes. Seja para brincar, para namorar, para passear e, até mesmo, para trabalhar.

A história muda, ou melhor, os homens mudam a história e se mudam na história. O Parque agora não é mais o espaço privativo da elite desejada para a cidade. Ele se populariza e se transforma em espaço de todos aqueles que dele querem se apropriar, ainda que não sejam bem-quistos, como é o caso dos pivetes e marginais.

A marginalidade e a violência também se fazem presentes no Parque, ela é reflexo de uma estrutura social que vai se impondo na cidade e influencia as práticas e os lugares das vivências dos moradores.

O Parque não é uma ilha, nele se revelam as tensões sociais existentes, hoje e ontem. Ele é um lugar dinâmico, sujeito às diversas transformações sociais, culturais e políticas, pois, como vimos, o Parque é uma intervenção político-ideológica no espaço da cidade. Ele veicula intenções que perpassam várias esferas da sociedade.

Considerações finais

O fenômeno do lazer é influenciado por uma dinâmica social, cultural e política. Apesar de, muitas vezes, ouvirmos o discurso de que as práticas de lazer estão desarticuladas da esfera política, podemos perceber que, especialmente no caso do Parque enquanto espaço de lazer, há uma forte intenção política envolvida.

O Parque Municipal de Belo Horizonte também recebe estas influências. Não apenas no que se refere às intenções de sua construção, mas também, as práticas que nele acontecem têm características marcantes da época, especialmente do ponto

de vista do modelo social e político republicano então proposto. O Parque foi um espaço planejado para abrigar e desenvolver práticas de lazer em consonância com a modernidade pretendida e as práticas que nele acontecem, principalmente nos anos iniciais, refletem bem este modelo.

Ele foi um espaço criado e apropriado pela população, ou melhor, uma elite local que nele realizava suas atividades de lazer. É nele que se sedimenta algumas vivências culturais de expressão na cidade como as festas beneficentes, as *garden parties*, as retretas, o *footing*, as corridas de bicicleta, os jogos de futebol, o tênis.

Mas o Parque não seria sempre o espaço de lazer da elite desejada que habitava a área urbana da cidade. Com o seu crescimento, abrem-se novas fronteiras, novos bairros, nova gente que também quer se apropriar dos espaços centrais da cidade, entre eles, o Parque. Eles fazem parte de uma transformação urbana e sócio-cultural da cidade. Afinal, a despeito das intenções do projeto, a cidade vive as tensões presentes na sociedade, e elas se manifestam, inclusive, no lazer.

No período analisado, alguns dos entrevistados estão praticando como crianças, outros como jovens e adultos. Cada um estabelece seu roteiro de vivências. O passeio nos barcos e nos burrinhos, o piquenique, as apresentações da banda, o *footing*, o namoro, as "artes de menino" e também, e até mesmo, o trabalho.

Podemos perceber que são muitos os olhares, as vivências e seus significados neste espaço singular da cidade, de modo que o Parque se conforma para os sujeitos que o praticaram, não por um espaço geográfico apenas, mas sim por um espaço que foi palco de suas vivências de lazer. Ele influencia e é influenciado pelas práticas culturais e vai se configurando como um espaço de lazer, através dos sujeitos que o praticaram ao longo dos seus 108 anos de história.

Hoje eu lanço um olhar diferente sobre este espaço. Percebi que, realmente, o Parque são muitos; muitas são também as práticas e os significados para os sujeitos, ao longo dos tempos. Inclusive eu, que como pesquisadora, vivenciei este lugar buscando conhecer a história, por meio dos documentos oficiais, das imagens e, especialmente, dos relatos dos entrevistados. É como diz Willi Bole: "assim o passeio pela cidade abre uma janela sobre o mundo" (1994, p. 55).

REFERÊNCIAS

A CIDADE VERGEL. Belo Horizonte, ano 1, n.2, 1927

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo, Ed. USP, 1994.

CVRD. Companhia Vale do Rio Doce. *Parque Municipal: crônica de um século*. Belo Horizonte, CVRD, 1997.

JULIÃO, Leticia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1992. (Dissertação, Mestrado em Ciência Política.)

LOPES, Eliane M. T. Método e fontes na história da Educação e Educação Física. Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 4, 1996, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG, 1996, p.35-49.

MAGALHÃES, Beatriz de A.; ANDRADE, Rodrigo F. Belo Horizonte: um espaço para a República. Belo Horizonte: UFMG, 1989.

MABALHÃES, Leonardo José. Introdução ao estudo da atividade musical em Belo Horizonte. *Varia História*, n.18, Belo Horizonte, Nov/1997, p. 327-346.

NEVES, Lucília A. História oral: memória e política. *Varia História*, n.12, Belo Horizonte, Dez/1993, p. 95-103.

PREFEITO Benjamin Jacob. *Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo/ Setembro de 1907*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1907.

PREFEITO Bernardo Monteiro. *Mensagem ao Conselho Deliberativo/ Setembro de 1900*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1900.

RODRIGUES, Marilita A. A. Um olhar sobre o Parque: lugar da memória esportiva em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Set, 1999, p.1407-1413.

SEMANA ILUSTRADA. Belo Horizonte, ano 1, n.46, Abril de 1928.

SILVA, Regina H. A. Cidade e memória. *Varia História*, n.12, Belo Horizonte, Dez/1993, p. 47-57.

ABSTRACT: This searching intends to bring another points of view about the Municipal Park through people's memories and history of Belo Horizonte. This space has been the great importance of Belo Horizonte because brings in itself the ideological and political inspiration. That guided in a special way the construction of this big metropolis. In the past the citizens practiced several sports like cycling, football, footing and swim. It happened garden and beneficent parties. Across the time the city grown and it new citizens go to the park. In the begging of the fifth years. I search what they did in the place.

KEYWORDS: Leisure. City. History.

Endereço da Autora:

Kellen Nogueira Vilhena

R. Sena Madureira, 404, Ap. 104

B. Ouro Preto - BH - MG - 31340-000

Endereço Eletrônico: kellentutora@yahoo.com.br

Recebido em: 22/04/2005

Aceito em: 17/06/2005